

SONHOS DO AVÔ, DO PAI E DO FILHO OU SOBRE POLIFONIAS PSICOCULTURAIS CONTEMPORÂNEAS EM *ME CHAME PELO SEU NOME/ CALL ME BY YOUR NAME*, DE ANDRÉ ACIMAN

Jorge Alves Santana
jorgeufg@bol.com.br
<http://lattes.cnpq.br/2812435500901945>

Jamesson Buarque de Souza
jamessonbuarque@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6538270791775139>

Alice Amorim de Santana Mota
alicemota@live.com
<http://lattes.cnpq.br/3683645652295879>

RESUMO

O olhar tradicional e conservador de um avô, a paidêutica empática de um pai e os desejos e sonhos incomensuráveis de um adolescente dinamizam a narrativa de *Me chame pelo seu nome/ Call Me by Your Name*, de André Aciman, 2007. Refletiremos, nesse quadro, sobre aspectos intergeracionais que baseiam uma família judia ítalo-americana imersa em um universo multicultural, no qual produções de subjetividades heterogêneas podem ser otimizadas.

Palavras-chave: *Me chame pelo seu nome*; André Aciman; intergeracionalidade

Os anos estão olhando para você agora, cada estrela que você vê hoje já conhece seu tormento, seus ancestrais estão reunidos aqui e não têm nada a oferecer ou dizer, *Non c'andà*, não vá até lá.

André Aciman, 2018, p. 123.

Terei sido um pai terrível se, um dia, você quiser falar comigo e encontrar a porta fechada ou não suficientemente aberta.

André Aciman, 2018, p. 214.

Mas eu amava o medo — se era realmente medo —, e isso meus ancestrais não sabiam.

André Aciman, 2018, p.123.

INTRODUÇÃO

“Até depois!” As palavras, a voz, a atitude. Eu nunca tinha ouvido alguém dizer “até depois” para se despedir” (ACIMAN, 2018, p. 3). Assim tem início o romance notadamente multiculturalista e globalizado do escritor egípcio-americano André Aciman, publicado nos

E.U.A. em 2007 (1). A narrativa, com narração autotélica, representará/ expressará uma espécie de *bildung* (2) contemporânea de Elio Perlman, abrangendo trinta e sete anos de sua vida; período esse que diz respeito a produções de subjetividades de suas variadas identidades em contato com sua família e, particularmente, com suas singulares descobertas sexuais e afetivas com o pesquisador Oliver, sete anos mais velho que ele e renomado professor e filósofo internacional, ao fim da narrativa.

A relação homoafetiva entre o adolescente e o jovem pesquisador é o núcleo acional dinamizador da narrativa que, entre outras tantas camadas semânticas, trata da paidêutica (3) contemporânea de um grupo microfamiliar, e também macroestrutural, judeu em franca dinâmica multicultural e globalizada. Assim, trataremos aqui de relações intergeracionais – avô, pai e filho – pertinentes à formação de certa dimensão do *ethos* (4) afetivo e erótico do narrador-protagonista.

1. Trataremos do texto romanesco, neste estudo, com suas partes denominadas: *Se não depois, quando? O penhasco de Monet; A síndrome de São Clemente; e Canto-fantasma*. No entanto, lembramos também de sua atualização fílmica feita pelo cineasta italiano Luca Guadagnino, em 2017. Filme este que dinamizou sobremaneira a divulgação do texto de André Aciman. Quanto ao filme, seu elenco é formado por Timothée Chalamet (Elio Perlman), Armie Hammer (Oliver), Michael Stuhlbarg (Professor Perlman), entre outros. A Produção foi aclamada pela crítica mundial e concorreu, entre tantos outros festivais de cinema, ao *90th Academy Awards*, nas categorias de melhor filme, melhor ator, melhor canção original e melhor roteiro adaptado, ganhando nessa última. Para fortuna crítica sofre o filme e seu hipotexto, queira acompanhar Munford (2018); Kaiser (2018); D'Erasmus (2018) e Alt (2017).

2. Conforme Denis Pernot (1992, p. 106): “La notion de "Bildung" appartient à un sémantique dont l'organisation est typiquement allemande. Elle se forme sur le radical "Bild" qui signifie l'image, la représentation, alors que "Nachbild" désigne la copie, "Vorbild" le modèle, "Urbild" l'archétype, l'image fondamentale. Ainsi un mot comme «Bildsamkeit» désigne-t-il la "formabilité", c'est-à-dire la capacité à être mis en image ou en forme. Dans ce contexte, l'idée de "Bildung" peut être rendue par le terme français de formation (A noção de "Bildung" pertence a um campo semântico cuja organização é tipicamente alemã. O termo é formado no radical "Bild", que significa imagem, representação, enquanto "Nachbild" designa cópia, "Vorbild", modelo, "Urbild", arquétipo, como imagem fundamental. Então, uma palavra como "Bildsamkeit" significa "formabilidade", ou seja, a capacidade de algo ser colocado na imagem ou na forma. Nesse contexto, a ideia de "Bildung" pode ser representada pelo termo francês de formação)” [Trad. nossa]. Essa descrição de Pernot se alinha à noção de viés cultural sobre “Bildung”, de acordo com Antoine Berman (1984) em seu artigo “Bildung et Bildungsroman”.

3. Quanto à paidêutica e campos afins, seguimos a já clássica pesquisa de Jaeger (1995). Particularmente quanto à paidêutica homoafetiva, acompanhamos os pertinentes e minuciosos estudos socioculturais e históricos de Barbo (2016a; 2016b; 2015). Em relação à paidêutica comparativa entre cultura grega antiga e nossa contemporaneidade, acompanhamos Foucault (1988), entre outros.

4. A noção de *ethos* neste trabalho corresponde mais especificamente a “*ethos* cultural”, quanto ao que diz respeito a grupos sociais dentro de uma sociedade, de modo que o termo cultura contemple educação, conduta e relação interindividual, de maneira que *ethos* indique: “(...) formas de organização simbólica do gênero humano que remetem a um conjunto de valores, formações ideológicas e sistemas de significação”,

Tais comportamentos complexos, múltiplos e heterogêneos serão percebidos por performances de transgressões e deslocamentos de valores tradicionais. Isso produzirá universos existenciais nos quais singularidades subjetivas são capazes de criar dialogismos identitários em constante fluxo de perceptos, afetos e posturas flexíveis que desmontam as engenharias apriorísticas de conservadoras psicogêneses pessoais.

1 INTERGERACIONALIDADE E DISPOSITIVOS FORMACIONAIS

A família Perlman – Professor Perlman, Annella Perlman, Elio Perlman, e o filho mais velho que está em viagem pela Ásia – é multicultural na sua base étnica; ou seja, possui traços judeus, americanos e italianos. Devido também a esta constituição, costuma receber jovens pesquisadores com reconhecido destaque na área dos estudos sociais, das humanidades, linguagens e artes. A cada verão, em seis semanas de julho a agosto, hospedam um destes jovens, minuciosamente selecionados, para uma residência acadêmico-científica em sua casa de campo, na costa italiana.

No começo da década de oitenta, do século passado, recebem o pesquisador Oliver, jovem filósofo e pesquisador de destaque da costa leste dos Estados Unidos. Por seis semanas, esta família conviverá com o residente, que também possui ascendência judaica. Vejamos como esta atividade intelectual se configura:

Receber hóspedes no verão era o modo como meus pais ajudavam jovens escritores a revisar um manuscrito antes da publicação. Por seis semanas, todo verão, eu tinha que desocupar meu quarto e me mudar para o quarto ao lado no corredor, muito menor, que um dia pertencera ao meu avô. Durante os meses de inverno, quando estávamos na cidade, aquele cômodo temporariamente virava um quatinho de ferramentas, depósito e sótão onde, diziam, meu avô, meu homônimo, ainda rangia os dentes no sono eterno. Os hóspedes de verão não precisavam pagar nada, podiam usufruir de toda a casa e praticamente fazer tudo o que quisessem, desde que passassem por volta de uma hora por dia ajudando meu pai com sua correspondência e papelada em geral (ACIMAN, 2018, p. 4).

Um notório cosmopolitismo e mecenato intelectual marcam então a conformação da rede coexistencial da família Perlman. O narrador-protagonista, já adulto quando nos conta

por mediação de "estilos de vida das populações humanas no processo de assimilação e transformação da natureza" (LEFF, 2000, p. 123).

os fatos passados, avalia de modo positivo e proativo o comportamento que seus pais sistematicamente executavam. Isso, mesmo que a estadia dos jovens residentes lhe causasse certo desconforto, pois era obrigado a ficar no pequeno quarto que pertencera ao seu avô, seu homônimo, já falecido.

Na narrativa, o início daquela década se torna singular, pois marcará toda a trajetória futura de Elio Perlman, a estadia de Oliver o colocará nas encruzilhadas formativas que surgem entre valores tradicionais conservadores e as possibilidades de transformações de tais valores e comportamentos pertinentes a si próprio e a sua família. O visitante lhe causará, de início, estranhamentos naturais e, posteriormente, fomentá-lo-á de descobertas reconhecimentos e consolidações de campos existenciais afetivos, intelectuais e eróticos que se desenvolverão por décadas. O adolescente, no início da narrativa, possui dezessete anos; o jovem pesquisador, vinte e quatro. Nessa rede intersubjetiva, teremos pois subjetivações de diferentes gerações, quando temos em perspectiva questões de produção de subjetividades que não se prenderão a identidades aprioristicamente dadas por psicogêneses fixas.

Mais do que um romance sobre amores juvenis de verão na costa italiana, André Aciman nos oferece uma *bildung* da sensibilidade, do erotismo e, sobretudo, da capacidade de adequação humana a contextos existenciais diversificados de um narrador-protagonista que tateia vorazmente seus universos pessoais e interpessoais no intuito de compreender os processos de subjetivação nos quais está inserido. E para tanto, a família judia parece bem amparada por dispositivos psicoculturais capazes de propiciar um campo fértil de experimentação ao inquieto e intenso adolescente.

Elio Perlman nos parece um garoto prodígio. Sua educação sistemática e assistemática lhe possibilita grandes deslocamentos no campo das artes e ciências em geral, tais como música, literatura, linguagens, história, arquitetura e afins. A intensa vida acadêmica e artística de seus pais o alcança de modo precoce e determinante. Talvez por isso, seus contatos com sua geração sejam insuficientes, de acordo com certa perspectiva formativa. Disso, parece que seus pais têm noção, pois incentivam de modo sistemático que o caçula se aproxime dos inteligentes jovens residentes de verão, bem como dos demais adolescentes da família e da população da pequena vila de veraneio, de estudos e

de pesquisas. Neste contexto de poucos laços afetivos ou laços muito seletivos e excludentes, os pais do narrador sabiam que poderia surgir alguma disfuncionalidade interpessoal, gerando identificações psicossociais indesejadas para o desenvolvimento do garoto. O narrador, disto nos informa:

Sempre diziam que eu me apegava demais às pessoas. Naquele verão, no entanto, finalmente entendi o que eles queriam dizer com apegar demais. Obviamente já tinha acontecido antes, e eles provavelmente haviam percebido quando eu era novo demais para perceber por mim mesmo. Aquilo disparou alarmes em suas vidas. Eles se preocupavam comigo. E eu sabia que o sentimento não era infundado, só esperava que nunca soubessem o quanto as coisas tinham avançado para além de suas preocupações comuns. Sabia que não suspeitavam de nada, e isso me preocupava — ainda que eu não quisesse que suspeitassem (ACIMAN, 2018, p. 60).

Tal qual qualquer adolescente, o narrador-protagonista tenta nos oferecer a si próprio naquelas fases dos ritos de passagem. Precocemente Elio se vê imerso nas aprendizagens de seu aparato de percepções, de sensibilidades e de intelecções diante de suas possibilidades subjetivas. Para ele, tais experimentos são centrados predominantemente em sua sexualidade polimorfa. Dos afetos heterossexuais, vê-se encaminhando para uma homoafetividade que será concretizada na sua relação com o jovem pesquisador Oliver. A pequena diferença etária, de sete anos, não será obstáculo para que ele tenha sua primeira relação sexual com um homem, bem como para aprimorar toda a engenharia psicossocial que tal fato exige.

Grande parte da narrativa, produzida pelas estratégias de uma memória anacrônica de viés proustiano, é preenchida pelas certezas e incertezas do que o narrador-protagonista já adulto possui, em confluência com a cosmovisão do adolescente imerso em seus amadurecimentos interpessoais. Medos e incertezas também denotam o quadro que acompanhamos no fragmento citado acima, quando o adolescente pensa que seus pais não sabiam da situação erótica que transcorre no antigo quarto do patriarca da família, bem como seu apego um tanto exagerado àqueles com os quais desenvolvem alguma relação. Os pais, como nossas tradições socioculturais indicam, e muito também pelo seu grau de formação intelectual e pela intensa sensibilidade quanto a formação dos filhos, terão consciência do que ocorre com o caçula, inclusive se dispendo a criar um campo experimental inclusivo e respeitoso quanto às peculiaridades que percebem e compreendem na personalidade em formação do adolescente.

No entanto, mesmo no salutar objetivo de cultivarem autonomia e independência deste adolescente, essa relação não se livrará daquelas formações discursivas tradicionais e conservadoras que também entrarão no jogo da produção contínua de identidades múltiplas e heterogêneas em questão. O filho é instalado no quarto que era de seu avô, com nome homônimo ao neto. Ou seja, mesmo que Elio tenha certo campo acional de inclusão entre seus desejos e sonhos com os da parentalidade mais próxima, a voz antiga do avô – familiar e étnica – também lhe falará aos ouvidos, avaliando e tentando direcionar seus desejos e sonhos.

Três gerações se encontram, pois, nessa *bildung*: o tradicional e conservador avô, o empático pai e o ousado e libertário adolescente. Desta forma, percebemos como esta narrativa é movimentada por aspectos intergeracionais (5). Ou seja, passados tradicionais e futuros inovadores são postos em diálogo. Sendo que o posicionamento geracional de Elio demarcará tanto o seu futuro, quanto o de Oliver e, sobretudo, o de sua família.

2 PERFORMANCES DE TRANSGRESSÕES E DESLOCAMENTOS

No capítulo *O penhasco de Monet*, acompanhamos a concretização dos desejos e sonhos de Elio. A tão programada e desejada relação sexual com Oliver ocorre entre satisfações e incertezas, como haveria de ser no campo existencial de um adolescente incentivado pelos pais a se portar com autonomia e independência diante de contextos conhecidos ou desconhecidos. Se o narrador adulto nos conta que sua família lhe propiciara intencionalmente um campo para experimentos comportamentais, ele também nos mostra

5. Por geração, acompanhamos os estudos psicossociais de Mannheim (1982), cuja realidade móvel se configura pelas relações de filiação, que em sentido genealógico nos dá a ideia de variadas e diferentes gerações; pela base etária dos sujeitos, o que nos dá certa padronização cronológica; e, pelo sentido dos eventos sociais, históricos e culturais que homogeneizam certos grupos humanos. Disso surge que há um posicionamento tradicional que o indivíduo assume de modo consciente ou inconsciente. No entanto, o pensador também nos alerta para o fato de que o dito grupo geracional é formado por subjetivações diversas que não se enquadram completamente nas características que marcam o que se denomina por unidade geracional. Quanto à intergeracionalidade, temos que se trata do motor central da civilização humana, responsável pela básica relação entre multiculturas tradicionais e inovações possíveis de valores, crenças e comportamentos destas multiculturas geracionais.

o conflito/diálogo geracional criado pelo *socius* (6) maior que aquele feito pela convivência com o pai. Essa realidade, como mencionamos, é aquela da tradição familiar judaica antiga e de qualquer outra família conservadora, representada pelo seu avô. Tanto é isso que ocorre, que vemos esta tradição conservadora lhe alertando alegoricamente, e de modo bem pragmático, quando o adolescente, após um errático, porém muito calculado processo de aproximação amorosa com Oliver, dirige-se ao quarto do futuro amante para sua primeira relação sexual homoafetiva. Vejamos:

Não tente, não tente isso, Elio. Era a voz do meu avô. Eu recebera o nome dele, e meu avô estava falando comigo da mesma cama na qual tinha atravessado uma divisa muito mais ameaçadora do que a que existia entre meu quarto e o de Oliver. Volte.

Quem sabe o que você vai encontrar naquele quarto? Não o tônico da descoberta, mas a mortalha do desespero quando o desencanto tiver tomado cada nervo de seu corpo. Os anos estão olhando para você agora, cada estrela que você vê hoje já conhece seu tormento, seus ancestrais estão reunidos aqui e não têm nada a oferecer ou dizer, *Non c'andà*, não vá até lá (ACIMAN, p. 123-124).

A satisfação do desejo homoafetivo é pesada na balança da moralidade conservadora da tradição familiar que é representada pelo avô redivivo em sua consciência. E o bônus de tal medida é assumido por um adolescente ainda um tanto indeciso quanto à escolha que faz. Indeciso, pois é ansioso por executar o plano amoroso e, ao mesmo tempo, titubeante à suposta fixidez de escolha/ sobredeterminação libidinosa. No entanto, o que se sobressai nesta situação é a consolidação de sua relativa autonomia e independência quanto a sua sensibilidade e inteligência, como ele mesmo nos diz:

Mas eu amava o medo — se era realmente medo —, e isso meus ancestrais não sabiam. Era o lado subjacente do medo que eu amava, como a lã mais macia encontrada na barriga da ovelha mais áspera. Eu amava a ousadia que me impulsionava, me excitava, porque eu tinha nascido da excitação. “Você vai me matar se parar...” Ou seria: “Vou morrer se você parar.” Cada vez que eu ouvia essas palavras, não conseguia resistir (ACIMAN, p. 123-124).

6. Nossa noção de *socius* se alinha à perspectiva de Deleuze e Guattari no *anti-Édipo*, a respeito não da equivalência, mas da igualdade (o ser/existir mesmo como tal) entre a produção social e a produção desejante, pois entre esses dois regimes se estabelecem modos da existência da companhia e da parceria, porém, de conforme um corpo fechado, como a forma da família, que se constitui para atender às exigências do *socius*, ou: “a família talha, não para de cortar à sua medida a produção desejante. Inscrevendo-se no registro do desejo, introduzindo furtivamente sua captura, a família opera uma vasta captação de forças produtivas, desloca e reorganiza à sua maneira o conjunto dos cortes que caracterizam as máquinas do desejo [...] É que a família cria ao mesmo tempo suas vergonhas e suas glórias, a indiferenciação de sua neurose e a diferenciação do seu ideal que só aparentemente se distinguem” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 169).

A identificação com o amante mais velho possui, neste ponto, aquela atmosfera dos comportamentos transgressivos quanto ao *ethos* do *mainstream* do *socius* nos qual os dois amantes estão inseridos/ incertos. A incerteza do contexto pende para o fato singular de que o indivíduo mais novo tomará certo controle da situação relativamente complexa da paidêutica contemporânea que Aciman elabora.

Com variados marcadores socioculturais da cultura grega antiga quanto à formação dos rapazes no viés da educação homoafetiva (7). Talvez a transgressão maior desta narrativa seja o fato de que o sujeito mais novo (erómenos) desloca substancialmente seu papel como agente psicossocial na relação com o sujeito mais velho (*erastés*). Este enfretamento amoroso ao medo, confessado orgulhosamente por um Elio já adulto, inverte a posição entre aquele sujeito que detém conhecimentos a serem transmitidos e a posição daquele que deveria ser subserviente para aprender aquilo que lhe fosse necessário para a assumência de sua suposta/devida condição psicossocial.

De suposto garoto ingênuo, Elio se percebe, e nos dá a perceber, seu caráter indômito quanto a complexa situação que vive. Se Oliver, o companheiro mais velho, se acovarda quanto a assumir um compromisso duradouro com o erotismo/amor vivenciado de modo singular, o mesmo não acontece com o adolescente que, mesmo sofrendo a ausência do companheiro por longos e dolorosos anos, não abrirá mão de manter a chama acesa do desejo. Esta aceitação que o companheiro mais velho tem das tradições conservadoras é antevista pelo narrador-protagonista desde o início da narrativa. Vejamos sua impressão pragmática sobre o jovem pesquisador que chega a sua casa e tem o hábito de se despedir com certo cumprimento asséptico em relação a contatos mais íntimos:

Parecia brusco, seco, desdenhoso, pronunciado com a indiferença velada de uma pessoa que talvez não se importe se vai revê-lo ou saber de você novamente. É a primeira lembrança que tenho dele, e parece que ainda hoje consigo ouvi-lo. “Até depois!” Fecho os olhos, pronuncio as palavras e estou de volta à Itália, tantos anos atrás, descendo a entrada arborizada, observando-o sair do táxi com uma camisa azul esvoaçante, o colarinho bem aberto, óculos escuros, chapéu de palha, muita pele à mostra. De repente ele está apertando minha mão, me entregando sua mochila, tirando a bagagem do porta-malas do táxi, perguntando se meu pai está em casa (ACIMAN, 2018, p. 3).

7. Reiteramos aqui a profunda contribuição aos estudos da paidêutica homoafetiva dos gregos antigos que é feita por Barbo (2016a; 2016b; 2015).

Oliver está inserido nos comportamentos previsíveis da paidêutica antiga do mundo grego; ou seja, quando percebe que o aprendiz de seu aprendiz chega a certo termo, afasta-se e vai levar sua vida convencional. Casa-se, tem filhos, consolida sua carreira em universidades norte-americanas e conclui que seu caso da juventude fora um acontecimento de vida paralela que não afetaria tanto sua condição de sujeito adequado a certa ordem. Mesmo que tal ordem não fosse a que realmente desejasse. No entanto, o suposto aprendiz, em um dos reencontros que ambos têm depois de quinze anos, e revirando a normalidade consensual, torna-se o instrutor de valores existenciais, como acompanhamos:

— O que isso diz da vida que você viveu, então? — Parte dela... só parte... foi um coma... mas prefiro chamar de vida paralela. Soa melhor. O problema é que a maioria de nós tem... ou melhor, vive... mais do que duas vidas paralelas. Talvez tenha sido por causa do álcool, talvez fosse a verdade, mas senti que devia dizer, porque aquele era o momento para dizer.

— Você é a única pessoa de quem eu gostaria de me despedir quando morrer, porque só assim essa coisa que chamo de vida vai fazer algum sentido. E se eu ficar sabendo que você morreu, a vida como a conheço, o eu que está falando com você agora, vai deixar de existir. [...] Desculpe, eu não quis ofendê-lo... tenho certeza de que no seu caso não é um coma (ACIMAN, 2018, p. 232).

O garoto, cujos pais pensavam ter certo erotismo primário desmedido, manejava talvez desde o início, naquele verão italiano de seis semanas, capacidade notória para tratar sua sensibilidade erótica e intelectual de modo necessariamente parcial, a ponto de englobar contextos múltiplos de seu amor e de suas demais necessidades vivenciais, mesmo na ausência/presença do ser amado com a intensidade do câmbio total de personalidade. Esta troca que está presente no aprendiz do dispositivo pelo qual podemos chamar alguém pelo nosso nome e de sermos chamados por este alguém pelo seu nome.

Nesta existência dos investimentos libidinais parciais (8), tanto egóico quanto objetual, os lugares psicossociais também desmontam aquela engenharia antiga dos dispositivos opostos, como aqueles socráticos/platônicos quanto a moralidades possíveis nas

8. Acompanhamos, aqui, os estudos de Freud (2010; 1974; 1972) quanto à sexualidade/erotismo em suas modulações instintivas/ pulsionais, egóicas e superegóicas.

relações dos amantes. O mundo do erotismo moralmente aceito (9) se hibridiza com o mundo do erotismo moralmente inaceitável, pois o prazer sensorial/carnal, e seu corolário psicossocial, é tão digno de concretização quanto o prazer espiritual/social da amizade permitida como mitigação do desejo espontâneo.

Elio, pois, assumirá o bônus da irremediável vinculação afetiva que tem com Oliver. Não terá vergonha de que sua honra possa correr risco perante sua rede coexistencial. Verdade, utilidade ética e beleza (10) para ele, funcionarão como combustível para sua vontade de viver tal erotismo/amor. Mesmo que esta coexistência não seja assumida pragmaticamente por seu antigo amante.

3 ASPECTOS DOS UNIVERSOS POSSÍVEIS

Instigante, neste romance de Aciman, como vimos acima, é o caráter de autonomia e de independência, apesar de sofrimentos psicossociais decorrentes, presentes na postura comportamental do narrador-protagonista. Mesmo com o afastamento por anos e anos e um tanto covarde do amante que relativamente lhe propiciara os primeiros contatos práticos com seu afeto homoafetivo, Elio seguirá no seu intento de resgatar a relação fundadora de uma importante faceta de sua personalidade em constante processo de mutação.

Um dos alicerces para esta convicção muito provavelmente é o espaço permitido e criado pelo seu pai, que funciona como um contrapeso para as formações discursivas conservadoras e reacionárias, representadas pelo seu avô. Se Oliver, o suposto tutor do

9. Aqui, fazemos alusão aos textos socráticos/platônicos como “O banquete” e “Fedro”. No primeiro, corroborado e intensificado pelo segundo, temos a diferença entre o erotismo moralmente aceito e aquele impedido, na alegoria das duas Afrodites, feita pelo discurso de Pausânias: “Todos, com efeito, sabemos que sem Amor não há Afrodite. Se portanto uma só fosse esta, um só seria o Amor; como porém são duas, é forçoso que dois sejam também os Amores. E como não são duas deusas? Uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano, e a ela é que chamamos de Urânia, a Celestial; a mais nova, filha de Zeus e de Dione, chamamo-la de Pandêmia, a Popular. É forçoso então que também o Amor, coadjuvante de uma, se chame corretamente Pandêmio, o Popular, e o outro Urânio, o Celestial” (PLATÃO, 1995, p. 12).

10. Seguimos Michel Foucault, quanto a paidêutica homoafetiva. Para ele: “O comportamento de um jovem aparece, portanto, como um domínio particularmente sensível à divisão entre o que é vergonhoso e o que é conveniente, entre o que causa honra e o que desonra. E é com isso que se preocupam aqueles que querem refletir sobre a gente jovem, sobre o amor que se lhes devota e sobre a conduta que eles devem manter (FOUCAULT, 1988, p. 181).

precoce aprendiz, aproxima-se mais desta segunda formação discursiva, o mesmo não acontece com o garoto-suposto-aprendiz. Este, parece compreender com maior honestidade as reflexões de Heráclito (11), filósofo pré-socrático que é tema das teses filosóficas de Oliver, o pesquisador e filósofo que, em sua fase madura, já é reconhecido internacionalmente.

Elio perceberá que seu processo de subjetivação poderá lhe trazer a sensação de que sua identidade não será fixada de modo excludente por certas características egocêntricas, sociais e culturais. Neste quadro, ele poderá performar várias subjetivações. Ou seja, poderá ser um judeu cosmopolita, um músico intelectual, um conhecedor de várias semioses artísticas, um poliglota capaz de transitar com sucessos pelos rigores da globalização contemporânea, um amante aberto a várias possibilidades de erotismo.

Substancialidade e processos de transformação existem em uma dinâmica dialética crítica. Esta talvez seja a maior aprendizagem advinda de sua relação com o amante mais velho. A plástica maleável de suas subjetivações também recebe notória influência de seu pai, cuja fala marca um dos ápices do romance. O Professor Perlman não apenas sabia do que acontecia em sua casa, como participava efetivamente do aprendizado afetivo do filho caçula (12). É o que acompanhamos neste contundente e empático diálogo entre pai e filho que ocorre após a previsível partida de Oliver, que sistematicamente cuidará de sua vida convencional em universidades norte-americanas:

— Olha só. Vocês tinham uma bela amizade. Talvez mais do que amizade. E invejo vocês. No meu lugar, muitos pais esperariam que a coisa simplesmente sumisse, ou rezariam para que seus filhos se reerguessem logo. Mas eu não sou um desses pais. No seu lugar, se houver dor, cuide dela, e se houver uma chama, não a apague, não seja bruto com ela. Arrancamos tanto de nós mesmos para nos curarmos das coisas mais rápido do que deveríamos, que declaramos falência antes mesmo dos trinta e temos menos a oferecer a cada vez que iniciamos algo com alguém novo. A abstinência pode ser uma coisa terrível quando não nos deixa dormir à noite, e ver que as pessoas nos esqueceram antes do que gostaríamos de ser esquecidos não é uma sensação melhor. Mas não sentir nada para não sentir

11. Para acompanharmos o intertexto heraclítico que Aciman produz em seu romance, seguimos Costa (2002) e Spinelli (2003).

12. Queira perceber a postura judaica de certo hassidismo piedoso, empático, otimista e proativo presente neste comportamento paternal. Para maiores informações sobre essa prática de vida judaica, acompanhamos Bogomoletz (2018).

alguma coisa... que desperdício! Eu não consegui nem começar a absorver tudo aquilo. Estava em choque.

— Falei o que não devia? — perguntou ele.

Balancei a cabeça.

— Então permita que eu diga mais uma coisa. Vai esclarecer tudo.

Talvez tenha chegado perto, mas nunca tive o que vocês tiveram.

Alguma coisa sempre me impediu ou ficou no caminho. Como você vive sua vida é problema seu. Mas lembre-se, nossos corações e nossos corpos nos são dados apenas uma vez. A maioria de nós teima em viver como se tivesse duas vidas, uma é a maquete, a outra a versão final, e todas as versões entre elas. Mas a vida é só uma, e antes que você se dê conta, seu coração se cansa e, quanto ao seu corpo, chega um momento em que ninguém mais olha para ele, muito menos quer chegar perto dele (ACIMAN, 2018, p. 214-215).

Empatia e dialogismo crítico marcam, pois, a relação entre pai e filho que, mesmo convivendo à sombra de comportamentos conservadores e excludentes, mostram-se capazes de deslocamentos existenciais que produzem universos transpessoais diversos e dignos de serem experimentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da narrativa, acompanhamos o segundo reencontro entre Elio e Oliver que ocorre após vinte anos daquele verão iniciático e na mesma casa da costa italiana. Estão amadurecidos e insertos/incertos em seus lugares sociais. Das estratégias de sedução, das disposições de cautela, dos prazeres concretos, dos sofrimentos previsíveis, nosso narrador-protagonista parece fazer, mesmo que em natureza temporária, certo balanço existencial. Vejamos:

O sonho estava certo... era como voltar para casa, como perguntar Onde eu estive todo esse tempo? Que era outro jeito de perguntar Onde você estava durante minha infância, Oliver? Que era ainda outro jeito de perguntar O que é a vida sem isso? Motivo pelo qual, no fim das contas, fui eu, e não ele, que deixou escapar, não uma, mas muitas, muitas vezes *Você vai me matar se parar, você vai me matar se parar*, porque também era meu jeito de unir o sonho e a fantasia, eu e ele, as palavras tão esperadas de sua boca para a minha boca e de volta para a dele, trocando palavras de boca em boca, que foi quando devo ter começado a proferir obscenidades que ele repetia depois de mim, baixinho no início, até que disse: — Me chame pelo seu nome e eu vou chamar você pelo meu (ACIMAN, 2018, p. 130).

O aprendiz, que na realidade também possuía caracteres de tutor, com os estímulos recebidos de seus pais quanto a sua autonomia e independência, perfaz o novo/velho espaço para o curso de seu erotismo/amor. Mesmo com tempos verbais condicionais do

subjuntivo, Elio conduz Oliver ao espaço afetivo das lembranças incontornáveis, pois sempre redivivas, que ainda pulsam em seus corpos e mentes.

Desta forma, como objetivamos em nosso recorte de estudo, acompanhamos uma narrativa que trata de modo contemporâneo dos processos de produção de subjetividades móveis, apesar de suas intensidades provisórias. Tradição e inovação são colocadas em dinâmica dialética crítica quando se percebe as relações intergeracionais marcando existências complexas, variadas e heterogêneas.

Por fim, percebemos como, no recorte analítico feito, o romance *Me chame pelo seu nome/ Call Me by Your Name*, de André Aciman, dinamiza e otimiza a necessidade da comunicação multicultural e polifônica para o deslocamento de paradigmas tanto estéticos quanto psicossociais, no que diz respeito aos universos existenciais feitos por desejos e sonhos possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIMAN, André. **Me chame pelo seu nome**. Tradução de Alessandra Esteche. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. [_____. **Call Me by Your Name**. New York: Farrar/ Straus and Giroux, 2007].

ALT, Jean-Yves. **Plus tard ou jamais, André Aciman**. In: <<http://culture-et-debats.over-blog.com/article-24020947.html>>. Acesso em 26 de janeiro de 2017.

BARBO, Daniel. “A historiografia construcionista da erótica grega”. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-Asiáticas**, vol. 1, n. 1, Guarulhos: Unifesp, Março/2016a.

_____. “Cantarella e Cambiano: historiografia essencialista do homoerotismo grego. Belo Horizonte: **e-hum Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social**, v.9, 2016b.

_____. “O homoerotismo e a cultura política falocêntrica na Atenas Clássica”. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, [S.l.], v. 1, abr. 2015.

BERMAN, Antoine. “Bildung et Bildungsroman”. **Le temps de la réflexion**, Paris, v. 4, p. 141-159, 1984.

BOGOMOLETZ, Davy. **O hassidismo como visão de mundo - Os princípios básicos da ética hassídica**. In: <judaismohumanista.ning.com/forum/topics/o-hassidismo-como-visao-de>. Acesso em 11 de fevereiro de 2018.

CALL Me by Your Name/ Me chame pelo seu nome. Direção de Luca Guadagnino. Produção de Luca Guadagnino e Marco Morabito. Roteiro de James Ivory, Luca Guadagnino e Walter Fasano. Brasil/ Estados Unidos/ França/ Itália. Sony, 2017. 130m, drama, cor.

COSTA, Alexandre. **Heráclito - fragmentos contextualizados**. Tradução, apresentação e comentário. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

D'ERASMO, Stacey. **Suddenly One Summer**. In: <www.nytimes.com/2007/02/25/books/review/DErasmo.t.html?_r=0>. Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Relógio D'água, 1988.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Vol. XIV. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. V. VII. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

GRAÇA, Eduardo. **Entrevista com Luca Guadagnino**. In: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/me-chame-pelo-seu-nome-mostra-de-modo-delicado-erotico-relacao-entre-dois-homens-21924032>. Acesso em 04 de janeiro de 2018.

JAEGER, Werner W. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KAISER, Charles. **Love That Knows No Boundaries**. In: <www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/03/21/AR2007032102069.html>. Acesso em 04 de janeiro de 2018.

MANHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

MUNFORD, Gwilym. **Luca Guadagnino on Call Me By Your Name: ‘It’s a step inside my teenage dreams’**. In: < <https://www.theguardian.com/film/2017/dec/22/luca-guadagnino-call-me-by-your-name-step-inside-teenage-dreams>>. Acesso em 05 de janeiro de 2018.

PERNOT, Denis. “Du ‘Bildungsroman’ au roman d’éducation: un malentendu créateur?” **Romantisme: transgressions**, Paris, n. 76, p. 105-119, 1992.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2016.

_____. **O banquete; Do amor**. Tradução e notas de J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SPINELLI, Miguel. **Filósofos Pré-socráticos. Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega**. 2a ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

SOBRE OS AUTORES:

Jorge Alves Santana: Doutor em Teoria Literária pela UNESP de São José do Rio preto/ SP e Pós-Doutor em Estudos Literários e Culturais pelo Pós-Lit da Universidade Federal de Minas Gerais – FALE/UFMG. É professor efetivo Associado IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística desta faculdade. Atualmente está em seu segundo Pós-Doc na FALE/UFMG, pesquisando a poesia hebraica de Dahlia Ravikovitch, sob supervisão da Profa. Dra. Lisle Nascimento, coordenadora do NEJ – Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.

Jamesson Buarque de Souza: Doutor em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e Pós-Doutor em Estudos Literários pelo Pós-Lit da Universidade Federal de Minas Gerais – FALE/UFMG. É Professor Efetivo Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística desta faculdade. Atualmente é Vice-Diretor da Faculdade de Letras da UFG.

Alice Amorim de Santana Mota: Graduanda do Curso de Direito da Pontifícia Universidade Católica/PUC-GO. Possui publicações e interesses acadêmico-profissionais na área de Direitos Humanos.